



## A importância do brincar durante o tratamento de crianças hospitalizadas

The importance of playing during the treatment of hospitalized children

La importancia del juego durante el tratamiento de niños hospitalizados

Isabela Cristina de Oliveira Campos<sup>1</sup>, Andressa Silva Farias<sup>1</sup>, Júlia Corrêa Campos<sup>1</sup>, Larissa Assis Abreu<sup>2</sup>, Letícia Moreira Farias<sup>1</sup>, Maria Gabriela Fernandes Azevedo<sup>1</sup>, Stephany Fernandes Favarim<sup>1</sup>, Thaís Emily Arcanjo Oliveira<sup>1</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Compreender a importância do brincar durante o tratamento de crianças hospitalizadas. **Revisão bibliográfica:** Durante o período da infância, a prática lúdica assume um papel de extrema importância, haja vista que, por meio dela, as crianças desenvolvem, de maneira inconsciente, sua criatividade e expressão de sentimentos. A hospitalização de uma criança traz consigo impactos emocionais e alterações significativas em sua vida, uma vez que esta é privada de suas rotinas habituais. O ato de brincar pode se configurar como uma ferramenta valiosa no processo de mitigação de sentimentos negativos que poderão emergir, tais como a ansiedade e o medo. **Considerações finais:** O brincar assume um papel fundamental no que diz respeito à capacidade da criança de transitar entre o mundo real e o imaginário, o que pode ser decisivo no enfrentamento das mudanças geradas durante a hospitalização. É possível afirmar que a brincadeira pode funcionar como um mecanismo de redução de sentimentos negativos e medos que frequentemente acompanham a internação hospitalar, permitindo que o paciente expresse seus sentimentos de maneira mais suave e positiva. Diante disso, torna-se evidente a necessidade tanto do ponto de vista científico quanto social de se valorizar a dimensão lúdica no tratamento de crianças hospitalizadas.

**Palavras-chave:** Criança, Criança hospitalizada, Jogos e brinquedos.

### ABSTRACT

**Objective:** To understand the importance of playing during the treatment of hospitalized children. **Bibliographic review:** During childhood, playful practice assumes an extremely important role, given that, through it, children unconsciously develop their creativity and expression of feelings. The hospitalization of a child brings with it emotional impacts and significant changes in their life, since they are deprived of their usual routines. The act of playing can be configured as a valuable tool in the process of mitigating negative feelings that may emerge, such as anxiety and fear. **Final considerations:** Playing plays a fundamental role with regard to the child's ability to move between the real and the imaginary world, which can be decisive in coping with the changes generated during hospitalization. It is possible to state that the game can work as a mechanism to reduce the negative feelings and fears that often accompany hospitalization, allowing the patient to express their feelings in a softer and more positive way. In view of this, the need, both from a scientific and social point of view, to value the ludic dimension in the treatment of hospitalized children becomes evident.

**Keywords:** Child, Child hospitalized, Play and playthings.

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (PUC MINAS), Betim - MG.

<sup>2</sup> Faculdade de Minas BH. (FAMINAS-BH), Belo Horizonte - MG.

## RESUMEN

**Objetivo:** Comprender la importancia del juego durante el tratamiento de niños hospitalizados. **Revisión bibliográfica:** Durante la infancia, la práctica lúdica asume un papel sumamente importante, ya que, a través de ella, los niños desarrollan inconscientemente su creatividad y expresión de sentimientos. La hospitalización de un niño trae consigo impactos emocionales y cambios significativos en su vida, ya que se ve privado de sus rutinas habituales. El acto de jugar puede configurarse como una valiosa herramienta en el proceso de mitigar los sentimientos negativos que puedan surgir, como la ansiedad y el miedo. **Consideraciones finales:** El juego juega un papel fundamental en cuanto a la capacidad del niño para moverse entre el mundo real y el imaginario, lo que puede ser determinante para afrontar los cambios generados durante la hospitalización. Es posible afirmar que el juego puede funcionar como un mecanismo para reducir los sentimientos negativos y los miedos que muchas veces acompañan la hospitalización, permitiendo que el paciente exprese sus sentimientos de una forma más suave y positiva. Ante ello, se hace evidente la necesidad, tanto desde el punto de vista científico como social, de valorar la dimensión lúdica en el tratamiento de los niños hospitalizados.

**Palabras clave:** Niño, Niño hospitalizado, Juego e implementos de juego.

## INTRODUÇÃO

A infância é uma fase da vida cujas brincadeiras são importantes, permitindo com que a criança seja capaz de utilizar vários recursos de forma inconsciente, aflorar sua criatividade e expressar sentimentos. Nessa fase, a vivência da brincadeira é uma articulação dos sonhos com a vida real, na oportunidade de descarregar os sentimentos de raiva, culpa, felicidade e sensações, de forma espontânea. Essa atividade traz prazer e une o mundo da fantasia à realidade do ambiente, que, segundo o autor Guimarães SS (1988), crianças brincam com temas relacionados ao seu ambiente diário. Esse brincar implica na sua interação com o ambiente, normalmente de modo tranquilo e envolvendo um afeto positivo. Assim, a forma que a criança reage à adaptação do ambiente depende da fase de desenvolvimento em que ela está ajustada às necessidades dela, à capacidade de entendimento e de imaginação (ARAGÃO RM e AZEVEDO MRZS, 2001; APARECIDA DE OLIVEIRA N e CAMARGO BANDEIRA VILLELA F, 2017).

Diante do enfrentamento de uma doença, essa condição pode mudar, causando uma mudança no seu contexto global de funcionamento orgânico e psicológico, uma vez que ao ser hospitalizada, a criança além de sofrer com a doença, é afastada da família, da escola e dos objetos pessoais que ela gosta. Esse é um aspecto relevante que corrobora com a importância do brincar durante o tratamento de crianças hospitalizadas. Por esse lado, é possível amenizar as repercussões do adoecimento no âmbito físico e psíquico, diminuindo os impactos negativos advindos da ruptura do contexto sociofamiliar que aquela criança estava inserida, por meio do lúdico (ARAGÃO RM e AZEVEDO MRZS, 2001). As crianças que enfrentam doenças crônicas ou agudas, muitas vezes, experimentam uma variedade de emoções, tais como medo, ansiedade e confusão, em relação à sua condição de saúde. Devido à imaturidade emocional e cognitiva, estas podem ter dificuldades em compreender o que está acontecendo com o seu corpo e em processar as informações fornecidas pelos profissionais de saúde. Além disso, as crianças podem sentir que a sua autonomia e liberdade estão sendo limitadas devido às restrições impostas pela doença (CHENG C, et al., 2021).

Mesmo perante toda a modificação que uma doença pode trazer para o universo infantil, o ambiente hospitalar pode trazer espaços destinados a brincadeiras. Segundo Chiatton HBC (2003), nos primeiros dois anos de vida da criança, é normal que estas apresentem dificuldades em permanecer hospitalizadas, por efeito de suas instalações e ambiente fechado, cores escuras, lisas, muitas pessoas e aparelhos estranhos (GIAXA, et al., 2019). O enfrentamento dessas decorrências psicológicas é auxiliado com as brincadeiras lúdicas, sendo mais eficaz a abordagem em grupo, em que há a integração das crianças com seus familiares, para que a criança possa associar a sua experiência no hospital com momentos de satisfação e ressignificar os sentimentos de medo e solidão, reorganizando essas emoções. Nesse contexto, Vigotski LS (1998) faz

correlações entre o desenvolvimento, o brincar e a aprendizagem, valorizando a importância das atividades lúdicas no contexto da hospitalização, para que a criança possa se adaptar melhor ao ambiente. Assim, a utilização do brincar se torna uma ação terapêutica, colocando em primeiro lugar as necessidades da criança (VIGOTSKI LS, 1998). Portanto, tanto sob o aspecto científico como social, é evidente a importância dos estudos a respeito das atividades lúdicas durante o tratamento de crianças hospitalizadas. Esse artigo teve como objetivo analisar a vivência da criança com a hospitalização e como o brincar interfere de forma positiva nesse contexto.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### A percepção da criança quanto à própria doença

A percepção da criança quanto à própria doença é um assunto delicado e importante para os pais, profissionais de saúde e sociedade em geral. Quando uma criança é diagnosticada com uma doença, sua percepção sobre o que está acontecendo pode variar bastante, dependendo de vários fatores como idade, desenvolvimento cognitivo e emocional, experiência anterior com a doença, informação recebida, entre outros (MARTINS STF e PADUAN VC, 2010; ARAGÃO RM e AZEVEDO MRZS, 2001).

Para entender melhor essa percepção, é importante considerar a perspectiva do desenvolvimento infantil. As crianças passam por diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo e emocional, que afetam sua compreensão da doença. Por exemplo, crianças muito pequenas não possuem a capacidade cognitiva de entender o que está acontecendo, mas podem perceber as mudanças em seu corpo e sentir medo ou desconforto. Já crianças mais velhas têm maior capacidade de compreensão, mas podem ter dificuldade em lidar com as emoções associadas à doença, como tristeza, ansiedade e frustração (MARTINS STF e PADUAN VC, 2010; ARAGÃO RM e AZEVEDO MRZS, 2001).

A informação que a criança recebe sobre sua doença também é fundamental para sua percepção. A qualidade do atendimento prestado às crianças e às famílias é de extrema importância, já que quanto maior o vínculo entre a equipe e a criança, maior a possibilidade de as crianças serem estimuladas pelos profissionais, o que favorece o desenvolvimento infantil. Outro ponto importante para ser considerado nesse momento é a humanização, através de empatia e comunicação nos procedimentos a serem realizados na criança, em que a equipe aja de uma forma companheira, alegre, descontraída, bem-humorada e leve, facilitando o desfecho positivo do paciente (GOMES GC e OLIVEIRA PK, 2012; MARTINS STF e PADUAN VC, 2010).

Um estudo realizado em um hospital no Rio de Janeiro com crianças em idade escolar observou a importância do profissional de saúde reconhecer a preservação da autonomia da criança, a expressão de sentimentos, o respeito ao tempo individual de maneira flexível e a atenção aos desejos do paciente. Nesse estudo, as crianças relataram as perspectivas individuais para o cuidado, em que indicaram como positivo as explicações recebidas pelos profissionais e o uso de brincadeiras para prepará-las para o procedimento doloroso. Em contrapartida, os pacientes avaliados afirmaram não gostar quando os profissionais não conversam, nem orientam acerca dos procedimentos, uma vez que se sentem mais inseguros e indagados sobre a função do tratamento (SANTOS PM DOS, et al., 2016). É importante considerar, também, o papel dos pais e cuidadores na percepção da criança sobre a doença. Os pais devem fornecer informações claras e precisas sobre a doença, tratamento e cuidados necessários, além de dar apoio emocional e ajudar a criança a lidar com as emoções associadas à doença.

É importante lembrar que os pais também podem estar passando por emoções difíceis e estressantes, o que pode afetar a percepção da criança sobre a doença. Os pais devem cuidar da própria saúde emocional e buscar (SILVA JIP DA KUDO AM, et al., 2019). Em São Paulo, foi realizado um estudo no qual observou o olhar da criança em idade escolar diante do isolamento, em que elas afirmaram ter uma experiência negativa por não poderem sair do quarto, ir à brinquedoteca, nem receber visitas, realçando a importância do brincar no quarto, por meio de eletrônicos, como videogame, tablet e televisão. Nesse contexto, afirmaram gostar por ser uma distração enquanto esperam exames e/ou tratamento, mesmo que limitados ao quarto. Além disso,

destacaram a importância da presença dos pais como companhias e da janela como forma de distração e de orientação quanto ao tempo. Nesse momento, as crianças declararam que a presença dos pais é significativa, por cuidarem e por vivenciarem a fase junto com eles, mesmo sendo restrito. Foi observado que a companhia de um familiar no período de internação proporciona segurança e satisfação emocional ao paciente, além de minimizar as repercussões negativas desse processo, uma vez que ter alguém conhecido em um lugar desconhecido é confortável para eles (SILVA JIP DA KUDO AM, et al., 2019).

Cada criança é singular e pode manifestar respostas distintas frente a uma enfermidade. Algumas podem ser mais resilientes e adaptáveis, enquanto outras podem precisar de mais suporte emocional. A atenção e o cuidado com a criança devem ser individualizados e adaptados às suas necessidades. Nessa perspectiva, é importante que os profissionais de saúde adotem estratégias para que as vivências hospitalares sejam produtivas, humanas e com experiências positivas, seja para o paciente ou para os familiares (GOMES GC e OLIVEIRA PK, 2012).

### **A criança e a experiência com a hospitalização**

A hospitalização infantil envolve uma série de impactos emocionais e mudanças na vida da criança que podem variar dependendo da sua idade, do seu nível de desenvolvimento, das suas experiências prévias, do tempo de internação, da qualidade do ambiente hospitalar, da interação com a equipe médica e com a família, e da gravidade da doença. Além das questões patológicas envolvendo o acometimento orgânico, a criança tem de lidar com alterações de sua rotina, isolamento de seu ciclo social, perda de privacidade e inserção em um novo meio (APARECIDA DE OLIVEIRA N e CAMARGO BANDEIRA VILLELA F, 2017).

Quando há necessidade de um isolamento físico, nos casos de doenças infectocontagiosas ou isolamento protetor por vulnerabilidade imunológica, há uma maior probabilidade de que a criança vivencie a situação de forma estressante e traumatizante, visto que a barreira física de separação é maior, bem como há uma restrição ainda mais intensa das pessoas que podem conviver com o paciente (SILVA JIP DA KUDO AM, et al., 2019). Além disso, a hospitalização pode ter um impacto negativo na educação e no desenvolvimento cognitivo das crianças. Durante a hospitalização, as crianças muitas vezes perdem aulas e a oportunidade de socializar com seus pares. Isso pode afetar seu desempenho escolar e seu desenvolvimento cognitivo (VERÍSSIMO M e DE LA Ó R, 1991).

A criança em tratamento se encontra assustada com todas as modificações que ocorrem a partir da sua inserção no hospital, devido às regras estabelecidas pela instituição, tempo de internações e a manipulação em seu corpo realizada pelos profissionais do setor. Todo esse desconforto, associado com os sintomas da própria doença, e o afastamento da criança e sua família, fazem com que a criança apresente uma tendência para desenvolver transtornos psicológicos, já que os procedimentos da equipe acabam representando medo e são considerados dolorosos. Essa junção de fatores no período de internação propiciam o desenvolvimento de quadros ansiosos, fazendo-se necessário pensar sobre quais estratégias de intervenção podem ser utilizadas para reverter ou prevenir esse quadro (OLIVEIRA SSG, et al., 2003). Dentro da área da Psicologia Pediátrica, há pesquisas que debatem que durante o processo de hospitalização, as crianças podem apresentar uma regressão em seu comportamento se comparado com suas fases anteriores, causando uma maior dificuldade para se socializar, devido a alterações de humor e problemas para dormir, se tornando uma fase de sofrimento físico e psicológico (GIAXA, et al., 2019; LINDQUIST I, 1993; LIMA, 2020).

A mudança drástica de ambiente e vivência da criança faz com que esse momento represente um choque, podendo diretamente ser um fator de risco para o seu desenvolvimento cognitivo quando não proporcionado as condições adequadas para que a criança possa se expressar, manter relações sociais, se sentir acolhida e ouvida (BOMTEMPO E, 1987; BOMTEMPO E, et al., 1986).

Durante a internação hospitalar, as crianças vivenciam fortes sentimentos de apreensão, de incerteza e de medo. O receio pelo desconhecido, pelos procedimentos aos quais são submetidas, pelas perdas sociais e pela possibilidade de morte impacta negativamente na qualidade de vida delas. A criança hospitalizada é impedida de explorar, de descobrir e de aprender sobre o mundo ao seu entorno (DE OLIVEIRA CARVALHO EO, et al., 2020; SILVA JIP DA KUDO AM, et al., 2019).



Estar em um local fechado, com iluminação artificial e com uma arquitetura, geralmente, não acolhedora não gera conforto e aconchego às crianças. Como resultado, as crianças hospitalizadas apontam as janelas como algo reconfortante, haja vista que poder ter contato com luz natural e outros aspectos da natureza recorda sobre a vida externa ao hospital, reduzindo a sensação de isolamento e auxiliando na organização temporal (ALVES FONSECA COSTA S, et al., 2018). Apesar da permanência dos familiares não resolver a sensação de afastamento social, a companhia destes tornam a vivência hospitalar menos angustiante para as crianças. Quanto aos brinquedos e objetos pessoais levados para o hospital, os pacientes da ala infantil informam-se sentir-se mais seguros com a presença destes, o que ajuda durante este momento de internação, ao tornar o ambiente menos assustador (SILVA JIP DA KUDO AM, et al., 2019).

Em pesquisa realizada com crianças hospitalizadas relataram a importância que a companhia dos familiares, a possibilidade de levar objetos pessoais para o quarto e a possibilidade de ir até a brinquedoteca reduzem o sofrimento e a tristeza que sentem por estarem internadas, sendo que, quando não puderam ter acesso a tais aspectos, tiveram uma experiência mais negativa. Com isso, essas crianças tiveram um grande impacto no desenvolvimento, bem como relataram um intenso sentimento de solidão (SILVA JIP DA KUDO AM, et al., 2019). Dessa maneira, a atividade lúdica emerge como uma oportunidade para alterar a rotina da hospitalização, criando uma experiência única e peculiar. Ao se envolver em um vaivém entre a realidade concreta e o mundo da imaginação, a criança supera os obstáculos impostos pela doença, transcendendo as fronteiras temporais e espaciais (PINTO NMMA, 2014).

### **O brincar como instrumento de humanização no tratamento de crianças hospitalizadas**

O brincar é uma atividade que faz parte da vida de toda criança e é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Quando uma criança é hospitalizada, muitas vezes, é privada do seu ambiente natural de brincadeiras e é exposta a situações desconhecidas e desagradáveis que podem afetar negativamente sua saúde e bem-estar. Diante disso, o brincar pode ser uma ferramenta de suma importância para a humanização do tratamento de crianças hospitalizadas (YOGMAN M, et al., 2018). A humanização do tratamento é uma abordagem que visa tratar o paciente de forma integral, considerando suas necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais. A humanização tem como objetivo tornar o ambiente hospitalar mais acolhedor e menos estressante, e é uma preocupação cada vez mais presente nos cuidados de saúde (JOHNSON RJ, et al., 2020). Nesse contexto, o brincar pode ser uma importante ferramenta na humanização do tratamento de crianças hospitalizadas. As crianças hospitalizadas frequentemente sofrem de estresse, ansiedade e medo, o que pode afetar negativamente sua recuperação.

Essa atividade pode ajudar a aliviar esses sentimentos negativos, permitindo que as crianças se envolvam em atividades divertidas e prazerosas que proporcionem a elas um senso de normalidade e segurança. (BLACHMAN-FORSHAY J e COLLINS S, 2019). Nota-se que o brincar está relacionado à expressão da criatividade, uma vez que as crianças conseguem ligar o mundo real ao mundo imaginário, levantando a oportunidade de expressar os sentimentos, as angústias e as emoções, como medo, alegria e tristeza, através das brincadeiras. Isso acontece porque as emoções são estados mentais que resultam de mudanças no organismo em função de mudanças no ambiente, e quando a criança vive a brincadeira com propriedade e espontaneidade, ela articula aquilo ao que está vivendo. Então, ao brincar com algo que gosta, ela se sente segura e libera os sentimentos (ARAGÃO RM e AZEVEDO MRZS, 2001).

O brincar pode também ser utilizado para ajudar as crianças a compreenderem melhor o seu tratamento e procedimentos médicos, bem como a lidar com seus medos e ansiedades, fornecendo um espaço seguro para que possam expressar seus sentimentos e experiências. Os profissionais de saúde podem utilizar brinquedos e jogos para ensinar às crianças sobre os procedimentos que irão realizar, ajudando-as a se sentir mais confortáveis e menos ansiosas. Além disso, brinquedos e jogos também podem ajudar a aproximar as crianças e seus familiares, permitindo que eles brinquem e se divirtam juntos, o que pode fortalecer os vínculos familiares e melhorar a comunicação (CHINIEN C, et al., 2021). As atividades lúdicas podem ajudar a distrair as crianças da dor e do desconforto, permitindo que elas relaxem e se divirtam. A distração é uma técnica utilizada em muitos hospitais para ajudar a reduzir a dor e a ansiedade durante procedimentos médicos dolorosos ou desconfortáveis, e o brincar pode ser uma ferramenta valiosa para essa abordagem.

Além disso, o brincar pode ajudar a estimular o sistema imunológico das crianças, melhorando sua saúde física e emocional (GATTINO GS, et al., 2019).

Segundo a Child Life Council, uma organização sem fins lucrativos que promove o uso de atividades lúdicas em hospitais, a participação em atividades lúdicas pode melhorar a adesão ao tratamento, reduzir a duração da hospitalização e diminuir o uso de medicamentos para dor (CHILD LIFE COUNCIL, 2023). Outro estudo realizado em um hospital destacou que a visão lúdica do palhaço auxilia na distração e no entretenimento dos pacientes, além de amenizar o impacto emocional negativo da condição clínica individual, sendo essa uma estratégia de adicionar a brincadeira no cuidado.

A exemplo dos doutores da alegria, onde profissionais da saúde se vestem de palhaços e vão até os leitos das crianças hospitalizadas, tirando dos mesmos sorrisos, distraíndo-as e tornando aquele momento o menos doloroso possível. Além disso, essa estratégia exerce um papel preventivo no que diz respeito aos transtornos psicológicos, como ansiedade, depressão e as lembranças emocionais da internação (CAIRES S, et al., 2014). Ao permitir que as crianças brinquem e se divirtam durante a internação, os profissionais de saúde estão reconhecendo a importância da saúde emocional e do bem-estar das crianças, além de proporcionar um ambiente mais acolhedor e menos assustador. O brincar também é uma forma de empoderamento das crianças, permitindo que elas tenham algum controle sobre a situação. Ao escolher seus brinquedos e atividades, as crianças têm a oportunidade de tomar decisões e de se sentir no comando de suas vidas, mesmo durante uma situação estressante e desconhecida (LEAL FM, et al., 2020).

O brincar é, também, uma forma de humanização para os próprios profissionais de saúde. Ao permitir que as crianças brinquem e se divirtam, os profissionais de saúde podem se conectar melhor com as crianças e com suas famílias, criando um ambiente mais colaborativo e de cuidado mútuo. O brincar pode ajudar a reduzir a distância emocional entre os profissionais de saúde e os pacientes, tornando o tratamento mais humanizado e eficaz (SANTOS SS, et al., 2020). No entanto, é importante ressaltar que as atividades lúdicas devem ser adaptadas às necessidades individuais de cada criança. Algumas crianças podem ter restrições físicas ou médicas que limitam sua capacidade de brincar, e é importante que os profissionais de saúde estejam cientes dessas diferenças e adaptem suas abordagens de acordo com as necessidades individuais de cada criança. É fundamental, também, que o hospital ofereça um ambiente favorável ao brincar, com espaços adequados e recursos para as atividades lúdicas. Profissionais capacitados, como psicólogos e pedagogos, podem auxiliar na organização e implementação das atividades, garantindo que elas sejam seguras, adequadas e estimulantes para as crianças (GATTINO GS, et al., 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalização de crianças representa um desafio significativo e inédito tanto para o paciente quanto para sua família. Esse evento provoca impactos em diversas dimensões da vida da criança, abrangendo questões pessoais, emocionais e sociais. Com isso, é imperativo que, além do tratamento médico que busca curar o aspecto físico da condição clínica, seja estabelecido um tratamento adicional capaz de equilibrar e contribuir com as questões emocionais do paciente. A brincadeira assume um papel de destaque nesse processo, uma vez que permite à criança conectar-se tanto de forma consciente quanto inconsciente ao seu mundo imaginário e estabelecer relações com o mundo real, o que favorece a transformação de sentimentos negativos em sentimentos mais leves e positivos. Por conseguinte, é importante salientar que o tratamento durante a hospitalização não deve ser limitado exclusivamente à cura da doença, mas também deve considerar todo o contexto psicológico e emocional da criança.

---

## REFERÊNCIAS

1. ALVES FONSECA COSTA S, et al. Brinquedoteca hospitalar no Brasil: reconstruindo a história de sua criação e implantação. 2018.
2. AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds. *Pediatrics*. 2018; 142(3).

3. APARECIDA DE OLIVEIRA N e CAMARGO BANDEIRA VILLELA F. O brincar e sua importância para o desenvolvimento emocional infantil. *Colloquium humanarum*, 2017; 14: 535–9.
4. ARAGÃO RM e AZEVEDO MRZS. O brincar no hospital: análise de estratégias e recursos lúdicos utilizados com crianças. *Estudos de Psicologia*, 2001; 18(3): 33–42.
5. AZEVEDO AV DOS S. Equipe de saúde e o brincar da criança com queimaduras. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2013; 30(1): 57–65.
6. BLACHMAN-FORSHAY J e COLLINS S. The value of play in pediatric health care. *Curr Opin Pediatr*. 2019; 31(3): 395-400.
7. BOMTEMPO E. *Aprendizagem e brinquedo* São Paulo: EPJ, 1987.
8. BOMTEMPO E, et al. *Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos*. São Paulo: Nova Stella, 1986.
9. CAIRES S, et al. Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. *Psico-USF*, 2014; 19(3): 377–86.
10. CHENG C, et al. A systematic review of interventions to support self-management of chronic illnesses in children and adolescents. *J Pediatr Psychol*. 2021; 46(5): 515-529.
11. CHIATTONI HBC. A criança e a hospitalização. In V. A. A. Camon (Org.), *A psicologia no hospital* (2ª ed., pp.23-99). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
12. CHILD LIFE COUNCIL. Child life 101. <https://childlife.org/what-is-a-child-life-specialist/child-life-101/>. Published 2018.
13. CHINIEN C, et al. Play as an intervention to improve the health and well-being of children with chronic medical conditions and their siblings: A scoping review. *Disabil Rehabil.*, 2021; 43(8): 1123-1141.
14. DE OLIVEIRA CARVALHO EO, et al. Experiência da criança sobre a hospitalização: abordagem da sociologia da infância. *Cogitare Enfermagem*, 2020; 25.
15. FIORETI FCC DE F, et al. The play therapy and child hospitalized in perspective of parents. *REME: Revista Mineira de Enfermagem*, 2016; 20.
16. FROTA MA, et al. O lúdico como instrumento facilitador na humanização do cuidado de crianças hospitalizadas. *Cogitare Enfermagem*, 2007; 12(1).
17. GATTINO GS, et al. Effects of Play Interventions on Improving Social Interactions and Behaviors Among Hospitalized Children: A Systematic Review. *J Pediatr Nurs.*, 2019; 48: e85-e94.
18. GUIMARÃES SS. A hospitalização na infância. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 1988; 4(2): 102-112, Universidade de Brasília.
19. GOMES GC e OLIVEIRA PK. Vivências da família no hospital durante a internação da criança. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2012; 33(4): 165–71.
20. JOHNSON RJ, et al. Playful Approach Improves Hospitalized Children's Understanding and Retention of Anticipatory Guidance. *Clin Pediatr (Phila)*, 2020; 59(14): 1256-1263.
21. LEAL FM, et al. O Brincar no Contexto Hospitalar: uma Revisão Integrativa. *Rev CEFAC*, 2020; 22(5): e202057.
22. LINDQUIST I. *A criança no hospital: terapia pelo brinquedo* São Paulo: Scritta, 1993.
23. MARTINS STF e PADUAN VC. A equipe de saúde como mediadora no desenvolvimento psicossocial da criança hospitalizada. *Psicologia em Estudo*, 2010; 45–54.
24. OLIVEIRA SSG, et al. O lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação emocional em crianças hospitalizadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003; 16(1): 1-13.
25. PÉREZ-RAMOS AMQ. O ambiente na vida da criança hospitalizada. In E. Bomtempo, E. G. Antunha & V. B. Oliveira (Orgs.), *brincando na escola, no hospital, na rua* (pp.111-126). Rio de Janeiro: Wak, 2006.
26. PINTO NMMA. O brincar no contexto da hospitalização infantil: relato de experiência. *Educação Ciência e Saúde*, 2014; 1(1).
27. SANTOS PM DOS, et al. Nursing care through the perception of hospitalized children. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2016; 69(4): 646–53.
28. SANTOS SS, et al. Brincar e Humanização no Cuidado à Criança Hospitalizada. *Rev Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 2020; 10: e3208.
29. SILVA JIP DA KUDO AM, et al. Isolamento hospitalar pediátrico: o olhar da criança. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional – REVISBRATO*, 2019; 3(4): 508–25.
30. SPOSITO AMP, et al. O melhor da hospitalização: contribuições do brincar para o enfrentamento da quimioterapia. *Avances en Enfermería*, 2018; 36(3): 328–37.
31. VERÍSSIMO M e DE LA Ó R. A experiência de hospitalização explicada pela própria criança. *Rev. Esc. Enf. USP*, 1991; 25(2): 153-68.
32. VIGOTSKI LS. *A formação social da mente* São Paulo: Martins Fontes, 1998.